

O Livro de Daniel - Número Quarenta e Cinco

A Transformação Simbólica: Desvendando o Mistério do Diário no Livro de Daniel

Jeff Pippenger
2024-01-09

O "contínuo" no livro de Daniel foi reconhecido por William Miller como um símbolo de Roma pagã ou do paganismo, mas, nos últimos dias, é o símbolo da rejeição das verdades fundamentais de William Miller. Representa o fim de uma rebelião que começou em 1863, com a rejeição do entendimento de Miller sobre os "sete tempos" de Moisés, de Levítico vinte e seis. Quando o Adventismo rejeitou a identificação correta de "o contínuo" como o paganismo, transformou o símbolo de Satanás em um símbolo de Cristo. Isaías identifica que essa obra estava virando as coisas de cabeça para baixo. A rejeição de "o contínuo" foi instituída na década de 1930 (a terceira geração do Adventismo), mas vinha sendo uma controvérsia desde 1901 (a segunda geração do Adventismo). Assim como no antigo Israel, uma rejeição progressiva da verdade levou à aceitação de um erro que continha os elementos do pecado imperdoável.

O pecado imperdoável para os judeus contenciosos manifestou-se quando eles identificaram as obras que Cristo havia realizado como sendo obras de Satanás. O Israel antigo é o principal símbolo do Israel moderno, e o Israel moderno fez exatamente isso, só que ao contrário. Eles tomaram as obras de Satanás (o paganismo) e atribuíram essas obras a Cristo. A rebelião do Israel antigo inclui a escolha de Satanás como seu rei.

Quando, pois, Pilatos ouviu essas palavras, trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Pavimento, mas, em hebraico, Gabatá. E era a preparação da Páscoa e por volta da sexta hora; e disse aos judeus: Eis o vosso Rei! Eles, porém, clamaram: Fora, fora! Crucifica-o! Pilatos lhes disse: Devo crucificar o vosso Rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei senão César. Então ele o entregou a eles para ser crucificado. E tomaram Jesus e o levaram. João 19:13-16.

Pilatos era o representante de Roma pagã, e a Irmã White identifica que o dragão que foi expulso do céu em Apocalipse, capítulo doze, é Satanás, mas, em um sentido secundário, o dragão também é Roma pagã. O dragão é, portanto, simbolizado pelo "contínuo". O fim da rebelião do antigo Israel, quando proclamaram publicamente: "Não temos rei senão César", representou sua declaração pública de que eram súditos do seu rei, e o seu rei era Satanás. Essa rebelião contra Deus como Rei começou nos dias do profeta Samuel, quando rejeitaram a Deus como seu Rei e exigiram que lhes fosse dado um rei humano para que pudessem ser como as outras nações.

Então todos os anciãos de Israel se reuniram e foram ter com Samuel, em Ramá, e lhe disseram: Eis que estás velho, e teus filhos não andam nos teus caminhos; agora, constitui-nos um rei para que nos julgue, como todas as nações. Porém esta palavra desagradou a Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei para que nos julgue. E Samuel orou ao Senhor. E o Senhor disse a Samuel: Atende à voz do povo em tudo quanto te disserem; pois não rejeitaram a ti,

mas a mim, para que eu não reine sobre eles. Conforme todas as obras que têm feito desde o dia em que os tirei do Egito até o dia de hoje, deixando-me e servindo a outros deuses, assim também o fazem a ti. 1 Samuel 8:4-8.

O antigo Israel jamais reconheceu que havia rejeitado a Deus, nem que seu desejo por um rei terreno progrediria a ponto de virem a crucificar o Messias e a escolher Satanás como seu rei. Sua rebelião estava encoberta aos seus olhos por suas próprias ideias de justiça própria, segundo as quais, apesar de rejeitarem a Deus, ainda eram o povo escolhido, pois, afinal, raciocinavam, Deus ainda mantinha um santo ministério profético, mesmo depois de Samuel.

Eles interpretaram mal o ministério profético dos profetas, acreditando que a presença dos profetas de Deus provava que eram o povo escolhido de Deus. Não perceberam que estavam longe de Deus e que os profetas procuravam conduzi-los de volta a Deus, pois interpretavam a atuação dos profetas como evidência da direção de Deus. Isso apesar de sua contínua rejeição de todas as mensagens dos profetas que lhes foram enviadas. O mesmo engano sobreveio ao Adventismo em 1863.

O adventismo rejeitou o movimento que havia sido reunido por meio do ministério de William Miller e optou por tornar-se uma igreja legalmente registrada no mesmo ano em que rejeitaram a mensagem de Moisés sobre os “sete tempos”, como apresentada por Elias (William Miller). No mesmo ano, produziram um quadro profético falsificado, que não podia mais ser lido e já não podia “falar”, conforme Habacuque 2:3, pois exigia um folheto para explicá-lo. Os quadros de Habacuque podiam ser lidos como estavam e, portanto, podiam “falar”.

O adventismo recusou-se a realizar qualquer autoavaliação da decisão que tomou em 1863, pois, afinal, contava com a profetisa em seu meio, o que provava que era o povo remanescente identificado no livro do Apocalipse, que possuía o Espírito de Profecia. Manifestou o mesmo espírito e a mesma atitude do antigo Israel, e a rebelião que começou com a rejeição da primeira joia descoberta por Miller levou, por fim, também à rejeição, por parte do adventismo, da identificação que Miller fez da joia do "diário".

Israel moderno rejeitou a compreensão de Miller sobre “o diário”, um símbolo da Roma pagã, que, por sua vez, é um símbolo de Satanás, e afirmou que “o diário” é um símbolo de Cristo. Em outras palavras, Israel moderno escolheu aceitar um símbolo satânico como símbolo de Cristo. Assim como o Israel antigo proclamou que não tinha outro rei senão César, um representante da Roma pagã, que é um símbolo de Satanás.

Em termos de aplicação profética, essa escolha implicava que Israel moderno teria de redefinir os capítulos sete, oito e nove de Daniel, que são precisamente os capítulos representados pelo rio Ulai e que constituíram o aumento do conhecimento na história milerita. Eles seriam obrigados a alterar esses capítulos, pois o capítulo oito faz referência direta a "o diário" três vezes.

Forçados pela história na qual a visão do rio Ulai foi desvendada, os mileritas não viam quaisquer outros reinos terrenos antes do retorno de Cristo e do estabelecimento de Seu reino eterno, conforme representado em Daniel capítulo dois. Por isso, trataram o quarto reino, Roma, como um

único reino com dois aspectos. Esses dois aspectos estavam diretamente representados nos capítulos sete e oito de Daniel. Daniel identifica que a visão que recebeu no capítulo oito devia ser entendida em conexão com a visão do capítulo sete.

No terceiro ano do reinado do rei Belsazar, apareceu-me uma visão, a mim, Daniel, depois daquela que me apareceu no princípio. Daniel 8:1.

A visão "que apareceu a" Daniel "a princípio," foi a visão do capítulo sete.

No primeiro ano de Belsazar, rei da Babilônia, Daniel teve um sonho e visões da sua cabeça, no seu leito; então escreveu o sonho e contou a suma das coisas. Daniel 7:1.

As duas visões representam dois aspectos dos reinos da profecia bíblica que haviam sido representados pela primeira vez no capítulo dois de Daniel. Os quatro reinos da Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma foram repetidos no capítulo sete e, novamente, no capítulo oito, mas com uma distinção entre os elementos políticos dos quatro reinos e os elementos religiosos dos quatro reinos. No capítulo sete de Daniel, os reinos são representados por feras de rapina, mas no capítulo oito os mesmos reinos são representados por animais do santuário. Daniel desejava compreender a visão do capítulo sete, e Gabriel veio até ele para explicar.

Eu, Daniel, fiquei angustiado em meu espírito, no íntimo do meu ser, e as visões da minha cabeça me perturbaram. Aproximei-me de um dos que estavam ali e perguntei-lhe a verdade sobre tudo isso. Então ele me disse e me fez saber a interpretação das coisas. Estas grandes bestas, que são quatro, são quatro reis que surgirão da terra. Mas os santos do Altíssimo tomarão o reino e possuirão o reino para sempre, para todo o sempre. Daniel 7:15-18.

Daniel foi informado de que as quatro feras eram quatro reinos terrenos que existiriam até que o reino eterno de Deus fosse estabelecido, de acordo com o capítulo dois de Daniel. Haveria quatro reinos terrenos que precederiam a chegada do reino eterno de Deus, representado pela rocha que foi cortada do monte e encheu toda a terra no capítulo dois.

A Irmã White levou o entendimento milerita daqueles quatro reinos muito além do entendimento milerita, quando abordou a besta da terra do capítulo treze do Apocalipse.

Neste ponto, outro símbolo é introduzido. Diz o profeta: "Vi subir da terra outra besta; e tinha dois chifres como os de um cordeiro." Versículo 11. Tanto a aparência dessa besta quanto o modo de seu surgimento indicam que a nação que ela representa é diferente daquelas apresentadas sob os símbolos anteriores. Os grandes reinos que governaram o mundo foram apresentados ao profeta Daniel como feras de rapina, surgindo quando "os quatro ventos do céu contendiam sobre o grande mar." Daniel 7:2. Em Apocalipse dezessete, um anjo explicou que as águas representam "povos, e multidões, e nações, e línguas." Apocalipse 17:15. Os ventos são símbolo de contenda. Os quatro ventos do céu, contendendo sobre o grande mar, representam as terríveis cenas de conquista e revolução pelas quais os reinos alcançaram o poder. O Grande Conflito, 439.

As feras são símbolos das conquistas que foram realizadas à medida que os reinos ascendiam ao poder. Profeticamente, uma fera predadora representa o poder político, econômico e militar de um

reino. Os mesmos reinos representados em Daniel, capítulos dois e sete, também são representados no capítulo oito, mas, ali, todos eles estão associados a elementos derivados do santuário de Deus e, assim, representam o elemento religioso dos reinos, pois todos eram uma união de Igreja e Estado.

No terceiro ano do reinado do rei Belsazar, apareceu-me uma visão, a mim, Daniel, depois daquela que me apareceu no princípio. E vi numa visão; e aconteceu que, quando vi, eu estava em Susã, no palácio, que está na província de Elão; e vi numa visão, e eu estava junto ao rio Ulai. Então levantei os meus olhos e vi, e eis que estava em pé diante do rio um carneiro que tinha dois chifres; e os dois chifres eram altos; mas um era mais alto do que o outro, e o mais alto subiu por último. Vi o carneiro dando marradas para o ocidente, e para o norte, e para o sul; de modo que nenhum animal podia ficar diante dele, nem havia quem pudesse livrar da sua mão; mas ele fazia conforme a sua vontade e se engrandeceu. E, enquanto eu considerava, eis que um bode vinha do ocidente sobre a face de toda a terra, sem tocar no chão; e esse bode tinha um chifre notável entre os olhos. E veio ao carneiro que tinha dois chifres, que eu tinha visto estar em pé diante do rio, e correu contra ele com o furor do seu poder. E eu o vi chegar perto do carneiro, e encheu-se de cólera contra ele, e feriu o carneiro, e quebrou-lhe os dois chifres; e não havia força no carneiro para ficar de pé diante dele; e ele o lançou por terra e o pisou; e não houve quem pudesse livrar o carneiro da sua mão. Por isso o bode se engrandeceu muito; e, quando se tornou forte, foi quebrado o grande chifre; e em lugar dele subiram quatro notáveis, para os quatro ventos do céu. Daniel 8:1-8.

O capítulo oito começa com Daniel afirmando que então vivia na história do primeiro reino da profecia bíblica (Babilônia), mas sua visão não identifica nenhum símbolo que representasse Babilônia, pois ela começa com o carneiro que representava o segundo reino terreno, o de Medo-Pérsia. A ausência de um símbolo de Babilônia é intencional, pois uma característica principal de Babilônia é que ela representa um reino que é removido e, posteriormente, restaurado, como representado pelos “sete tempos” de Nabucodonosor vivendo como uma besta. Durante esses “sete tempos” um elemento da Babilônia espiritual (o papado) é representado, pois o papado é o reino que é esquecido por setenta anos simbólicos, durante os quais recebeu uma ferida mortal. O fato de Daniel identificar que recebe a visão “no terceiro ano do reinado do rei Belsazar” identifica Babilônia como o reino que precede o segundo reino, o de Medo-Pérsia, mas enfatiza Babilônia como o reino oculto, ou esquecido, que é esquecido durante os dias de um rei.

As bestas do capítulo oito não são feras de rapina; são animais que eram usados como vítimas sacrificiais no serviço do santuário. O quarto reino é representado como “um pequeno chifre”, não como uma besta; mas chifres faziam parte do santuário de Deus, pois os altares no santuário de Deus tinham chifres como parte de sua estrutura.

Não apenas os quatro reinos da profecia foram representados por Daniel com termos do santuário, a narrativa do capítulo contém várias palavras derivadas diretamente do serviço do santuário de Deus. A narrativa do capítulo é apresentada com palavras hebraicas extraídas do serviço do santuário, mas também a própria ação de apresentar uma oferta no serviço do santuário está incorporada à estrutura do capítulo. O fato de Daniel ter associado propositadamente os capítulos

sete e oito permite àqueles que desejam ver que o capítulo sete identifica a política de Estado dos reinos da profecia bíblica e o capítulo oito identifica a política eclesiástica dos reinos da profecia bíblica.

O adventismo tem sido forçado a encobrir esse fato com fábulas satânicas, pois esse reconhecimento revela que as joias de Miller eram exatamente como Deus as concebeu. A rejeição, por parte deles, da compreensão de Miller sobre “the daily” é apresentada como a alegação de que “Deus não tinha compreensão”, pois afirmam que, quando Deus deu a estrutura a Miller (por meio do ministério dos santos anjos), ela não era exata.

Certamente a vossa subversão será tida como barro do oleiro; pois dirá a obra daquele que a fez: Ele não me fez? ou dirá a coisa formada daquele que a formou: Ele não tem entendimento? Isaías 29:16.

O arcabouço de Miller era a estrutura profética que ele reconheceu e empregou, mas, de 1863 em diante, o Adventismo voltou às aplicações teológicas do Protestantismo apóstata e do Catolicismo, a fim de encobrir as joias do sonho de Miller. O Adventismo aceitou um falso arcabouço (a coisa formada), a fim de rejeitar a obra e também o autor da obra. Ao fazer isso, afirmam que o autor da obra não tem entendimento. A rejeição daquele arcabouço foi, e ainda é, uma rejeição do aumento do conhecimento que foi desselado em 1798. Os que rejeitam o aumento do conhecimento rejeitam a obra e o autor da obra e, nos termos de Daniel, eram "os ímpios".

Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente; e nenhum dos ímpios entenderá; mas os sábios entenderão. Daniel 12:10.

Os "ímpios procederão impiamente", identificando, assim, uma rejeição progressiva e crescente da verdade. A rejeição, pelos ímpios, da estrutura é uma rejeição de Deus e, por sua vez, Deus rejeita os ímpios pela rejeição que tentam realizar por meio de uma estrutura falsificada.

O meu povo é destruído por falta de conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos. Oseias 4:6.

O povo de Deus, que serviu como os “sacerdotes” de Deus de 1844 até 1863, foi rejeitado por sua falta do “conhecimento” que foi ampliado pelo ministério de William Miller. É importante considerar o contexto do versículo seis em Oséias, pois o contexto identifica uma rebelião crescente contra a verdade, representada como o “conhecimento”.

Ouvi a palavra do Senhor, ó filhos de Israel: pois o Senhor tem uma contenda com os habitantes da terra, porque na terra não há verdade, nem misericórdia, nem conhecimento de Deus. Jurando e mentindo, e matando, e furtando, e cometendo adultério, irrompem, e sangue se derrama sobre sangue. Por isso a terra se lamentará, e todo aquele que nela habita definhará, com os animais do campo e com as aves do céu; sim, até os peixes do mar serão removidos. Contudo, que ninguém contenda, nem repreenda outro; porque o teu povo é como os que contendem com o sacerdote. Por isso cairás de dia, e o profeta também contigo cairá de noite; e eu destruirei tua mãe. O meu povo é destruído por falta de conhecimento; porque tu rejeitaste o

conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote para mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos. Quanto mais se multiplicaram, tanto mais pecaram contra mim; portanto transformarei a sua glória em vergonha. Eles se alimentam do pecado do meu povo e põem o coração na sua iniquidade. E será: como o povo, assim o sacerdote; e eu os punirei por seus caminhos e lhes retribuirei as suas obras. Porque comerão e não se saciarão; entregar-se-ão à prostituição e não se multiplicarão; porque deixaram de dar ouvidos ao Senhor.

A prostituição, o vinho e o vinho novo tiram o entendimento. O meu povo pede conselho aos seus troncos, e o seu cajado lhes declara; porque o espírito de prostituições os fez errar, e se prostituíram, afastando-se do seu Deus. Sacrificam sobre os cumes dos montes, e queimam incenso sobre as colinas, debaixo de carvalhos, álamos e olmos, porque a sua sombra é agradável; por isso as vossas filhas se prostituirão, e as vossas esposas cometerão adultério. Eu não castigarei as vossas filhas quando se prostituírem, nem as vossas esposas quando cometerem adultério; porque eles mesmos se juntam com prostitutas, e sacrificam com meretrizes; assim, o povo que não entende cairá. Ainda que tu, Israel, te prostituas, não peques Judá; não venhais a Gilgal, nem subais a Bete-Áven, nem jureis: Vive o Senhor. Porque Israel resvala como uma novilha rebelde; agora o Senhor os apascentará como cordeiro em lugar espaçoso. Efraim está entregue aos ídolos; deixa-o. A sua bebida é azeda; continuamente se têm prostituído; os seus príncipes amam a vergonha: Dai! O vento a envolveu nas suas asas, e eles se envergonharão por causa dos seus sacrifícios. Oseias 4:1-19.

A advertência de Oséias é que "o Senhor tem uma contenda com os habitantes da terra, porque não há verdade, nem misericórdia, nem conhecimento de Deus na terra." O Adventismo é o povo de Deus dos últimos dias. No dia em que o homem com a escova de pó entrar no quarto de Miller, o Adventismo, incluindo o povo, os sacerdotes, os profetas "que não entende cairá", pois estarão "unidos a ídolos." Seus ídolos são suas doutrinas contrafeitas, tecidas em uma estrutura contrafeita.

A rebelião representada pela rejeição do aumento do conhecimento é uma escalada progressiva de rebelião que chega ao ponto em que seu tempo de graça termina com o pronunciamento de que se uniram às doutrinas contrafeitas que são varridas do quarto de Miller. Sua rebelião é representada como a prática contínua de prostituição. De 1863 em diante, até o fim do tempo de graça, eles se rebelam continuamente até serem vomitados da boca do Senhor.

A rebelião de rejeitar o conhecimento foi representada por eles cometerem adultério "continuamente", e, embora não seja a mesma palavra hebraica, o significado é o mesmo que o da palavra hebraica "tamid", que significa "contínuo" e é traduzida como "o diário" no livro de Daniel.

Continuaremos nosso estudo dos quatro reinos da profecia bíblica no próximo artigo.

"Então vi, em relação ao 'Daily', que a palavra 'sacrifício' foi acrescentada pela sabedoria do homem e não pertence ao texto; e que o Senhor deu a visão correta disso àqueles que proclamaram o clamor da hora do juízo. Quando havia união, antes de 1844, quase todos estavam unidos quanto à visão correta do 'Daily'; mas desde 1844, na confusão, outras opiniões foram adotadas, e trevas e confusão se seguiram." Review and Herald, 1º de novembro de

1850.